

**FONTES PARA ESTUDO DO NEOPENTECOSTALISMO BRASILEIRO:  
O CASO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS****Wander de Lara PROENÇA**

**Resumo:** Denomina-se Neopentecostalismo o movimento religioso que se configurou no Brasil, na década de 1970, como uma ramificação do chamado Pentecostalismo clássico, surgido nos Estados Unidos da América, no início do século XX. Para a pesquisa do tema proposto, adotam-se como principais fontes as literaturas neopentecostais, matérias jornalísticas da mídia impressa, depoimentos de líderes e fiéis, observações presenciais e programas veiculados pela mídia. Utilizam-se como referencial teórico-metodológico, parâmetros da Nova História Cultural, priorizando-se os conceitos de apropriação, circulação cultural, *habitus*, imaginário e longa duração. Da análise aqui empreendida, constata-se que a leitura da Bíblia exerce um papel preponderante nas práticas deste segmento religioso ao orientar o comportamento coletivo e configurar um fertilíssimo passado cultural. Na magia dos ritos e na riqueza simbólica ali adotados, percebe-se um substrato cultural legado das crenças afro e da religiosidade popular católica, o qual é sincreticamente re-significado a partir de elementos da tradição evangélica.

**Palavras-chave:** Neopentecostalismo; História Cultural; Ritos

**Abstract:** Neopentecostalism has been defined as a religious movement, which was denominationally termed in the 70s in Brazil and from the Classical Pentecostalism in the USA in the beginning of 20th century. For this research some main sources were assumed, such as neopentecostal literature, speeches from members and leaders, personal observations and TV and radio programmes. Methodologies and theories are based on the New Cultural History parameters, particularly the concepts of appropriation, cultural circulation, *habitus*, imaginary and long duration. This had happened because biblical reading has an important role about these actions in the Neopentecostalism in order to establish the collective behavior and configure a fertile cultural past. There is a cultural substrate from African beliefs and popular Catholicism religiosity because the magic of rites and symbolism, hence that is a re-significance syncretism from some Evangelical Traditions elements.

**Keywords:** Neopentecostalism; Cultural History; Rites

As três últimas décadas assistiram a um expressivo crescimento de igrejas denominadas *evangélicas* no campo religioso brasileiro. Segundo dados do Censo IBGE - 2000, já são mais de 26 milhões de adeptos de tais segmentos religiosos no país, números que correspondem a cerca de 15,5% da população brasileira atual. Comparativamente, em 1970, o

Censo apontava para 5% da população de 90 milhões. Na década de 1990, em números absolutos, esse crescimento dos evangélicos é da ordem de 100%, pois, passaram de 13 milhões em 1991 para 26 milhões em 2002<sup>1</sup>. Também se destaca que das cifras atuais, “de cada dez crentes sete se declaram pentecostais ou neopentecostais”.<sup>2</sup> De um simples salão alugado para o início de suas atividades, em 1977, na cidade do Rio de Janeiro, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), por exemplo, em pouco mais de duas décadas atraiu para si cerca de quatro milhões de seguidores, tornando-se um movimento bastante representativo da projeção e visibilidade social destes grupos religiosos que, dado o seu perfil e tipologia, têm sido convencionalmente denominados de neopentecostalismo. Pode-se dizer que a abordagem de temas voltados à religiosidade popular ganhou maior evidência no campo historiográfico à medida que houve avanço da História para o campo social, com estreitas aproximações dos elementos da cultura<sup>3</sup>. Mais especificamente nos anos 60 e 70 é que a História Social ganhou grande projeção, levando os historiadores a recorrerem optativamente a conceitos e métodos da Sociologia e da Antropologia<sup>4</sup>, aspecto este que veio a se consolidar na década de 80, com o surgimento da Nova História Cultural. A partir daí, passava a haver a “constituição de novos territórios do historiador”, os quais se evidenciaram pela atenção “das posições para as representações”, havendo “a emergência de novos objetos no seio das questões históricas”, como por exemplo, “as crenças e os comportamentos religiosos”<sup>5</sup>. Assim, a investigação de um fenômeno religioso como o que configura a IURD, por este viés, torna-se relevante, principalmente por permitir o emprego de conceitos como *imaginário*, *memória social*, *apropriação*, *representação* e *poder simbólico*. Segundo Roger Chartier, as representações consistem em “configurações sociais próprias de um tempo e de um espaço”, e assim como “as estruturas do mundo social não são um dado objetivo”, as representações também não são simples reflexos daquelas. São, pois, construídas a partir de práticas plurais e contraditoriamente complexas, múltiplas e diferenciadas:

A história cultural tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. A apropriação como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inseridas nas práticas específicas que as produzem”<sup>6</sup>.

Em termos de pesquisa, os primeiros interessados em buscar explicações para o crescente surgimento de inúmeros pequenos templos que passaram a ganhar visibilidade social, sobretudo nas grandes cidades do país, foram pesquisadores pertencentes a outras igrejas de tradição cristã. Já nos anos 1950 e 60, em suas publicações, a Igreja Católica alertava para os perigos das “heresias modernas”, incluindo, juntamente com o espiritismo e a maçonaria, o pentecostalismo. Com este propósito, na década de 70, a Igreja Católica

encomendou várias pesquisas sobre as razões da conversão de católicos ao pentecostalismo. Por outro lado, os “protestantes históricos” também demonstraram interesse em compreender as razões do sucesso pentecostal. Inquietava-lhes o fato de estarem já estabelecidos no Brasil desde o século XIX e não terem ultrapassado a condição de “minorias religiosas”, não conseguindo se constituir em opção de massas no país, como já ocorria com o pentecostalismo.

Além destes, alguns poucos cientistas sociais, sem conexões confessionais, se empenharam nesta tarefa. Destaca-se o trabalho de Beatriz Muniz de Souza, com seu estudo pioneiro publicado em 1969, intitulado “A experiência da salvação: Pentecostais em São Paulo”. Nos anos 70, ainda eram poucos os estudos que se propunham explicar o significado e o crescimento de grupos pentecostais no Brasil. E, mesmo em 1984, Rubem César Fernandez escrevia: “os crentes são minoria no país e também nos estudos sobre religião”<sup>7</sup>. Mas foi a partir daí, nos anos 80, com mais de 13 milhões de adeptos, com seus 80 anos no Brasil, englobando centenas de denominações, de pequeno, médio ou grande porte, que o pentecostalismo – em particular na sua vertente chamada neopentecostalismo, que tem como sua principal expressão a Igreja Universal do Reino de Deus - tornou-se então objeto de grande interesse da mídia e nas pesquisas acadêmicas, rendendo publicação de vários artigos e livros.

As abordagens, de cunho mais acadêmico, entretanto, têm sido feitas quase sempre por um viés sociológico, as quais tendem a associar o advento de tal religiosidade a questões de ordem mais econômica ou social, apontando para a miséria, a falta de educação, saúde e o não atendimento satisfatório por parte do Estado das necessidades do ser humano – crises que se agravaram sobre o país nas últimas décadas - como responsáveis pela recorrência a tais práticas. Richard Shaull e Waldo César, por exemplo, representam bem esta perspectiva quando afirmam que este segmento religioso se apresentou como uma forma encontrada pela grande massa populacional para superar suas contingências do dia-a-dia:

O aglomerado humano presente nos templos, sejam membros ou simples agregados, é constituído de homens e mulheres partícipes da grande multidão que circula nas ruas da cidade, dos pobres que formam o grosso da população brasileira<sup>8</sup>.

Contudo, há que se ressaltar que o neopentecostalismo agrega hoje entre seus adeptos pessoas dos mais variados níveis econômicos e sociais: desde um contingente que se concentra nas grandes periferias até a artistas famosos e empresários bem sucedidos. Isto deixa evidente que as práticas que ali ocorrem absolutamente não seguem o que se costuma denominar “clivagem de classe”. Assim, os trabalhos que têm abordado o neopentecostalismo, não obstante o seu mérito, e guardadas as devidas proporções a que se objetivaram, apresentam dois principais limites: primeiro, não avançam no âmbito cultural no sentido de

compreender de forma mais profunda o que ocorre nas práticas neopentecostais<sup>9</sup>; segundo, não utilizam com maior profundidade as fontes disponíveis para análise e investigação deste objeto. Em outras palavras, faltam trabalhos propriamente de cunho historiográfico. Desta forma, torna-se fundamental investigar e buscar entender, pelo viés da História Cultural, os elementos mais consistentes que dão coesão às práticas que ali ocorrem, bem como analisar os aspectos culturais que motivam e orientam tal comportamento coletivo.

Quando usamos aqui o conceito de cultura, seguimos o sentido proposto por Clifford Geertz:

denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida<sup>10</sup>.

Desta forma, inscrevendo-se profundamente na cultura brasileira, e apoiando-se nos signos e na simbologia dos objetos, a IURD descobriu maneiras de puxar os fios invisíveis da memória, tornando-se um “sistema simbólico”. Isto está em consonância com as considerações ainda feitas por Geertz ao afirmar que

os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo e sua visão de mundo (...) Demonstrem representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto esta visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida (...) A religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada, e projeta imagens desta ordem no plano da experiência humana<sup>11</sup>.

Maria Lucia Montes, na obra *História da Vida Privada no Brasil*, destaca que a IURD tem conseguido articular com grande eficiência o universo cultural-religioso brasileiro, apropriando-se de maneira re-significadora de elementos do catolicismo popular e das crenças afro:

Ao fazer da “guerra espiritual” uma agressiva arma de combate às demais religiões, ao catolicismo e em especial ao universo religioso afro-brasileiro, (...) a Igreja Universal conseguiu reapropriar em seu benefício, mas pelo avesso, um rico filão da fé dado nas religiosidades populares no Brasil. E é nessa *retradução* doutrinária em termos das linguagens espirituais mais imediatamente próximas, no contexto brasileiro, que reside um dos fatores fundamentais do seu êxito<sup>12</sup>.

Diante disto, em conformidade com as palavras de Jacques Le Goff de que “o historiador tem o dever de colocar questões como eixo do seu trabalho, em seguida, ver como

respondê-las, apoiando-se naquilo que é e continua sendo o seu material específico, que são os documentos<sup>13</sup>,” cabem, então, perguntas como: em que consistem os elementos culturais que dão sustentação às práticas da Igreja Universal do Reino de Deus? Que elementos culturais, relacionados ao imaginário social, têm possibilitado a construção e a recepção do carisma neste modelo religioso, tornando-se ali um mecanismo tão eficiente? Que contexto histórico, em dimensões de tempo, lugar e circunstância, possibilitaram o surgimento e a projeção de tal segmento religioso? Em que dimensão as práticas e representações vivenciadas pela IURD reinventam o protestantismo e promovem mutação no campo religioso brasileiro?

Ainda em termos metodológicos, vale considerar que a pesquisa sobre a IURD pode ser classificada como “história do tempo presente”, considerando que os acontecimentos se dão no “calor da hora”. Em termos de fontes e documentos, isto implica que os mesmos se produzem simultaneamente ao trabalho do pesquisador. Mas a plausibilidade de tal investigação pode ser fundamentada nas considerações feitas por Eric Hobsbawm quando apresenta a sua própria experiência na atenção que dedicou em seus escritos à história do tempo presente: “*O breve século XX quase coincide com meu tempo de vida (...) Falo como alguém que atualmente tenta escrever sobre a história de seu próprio tempo (...)*”<sup>14</sup>. E acrescenta: “*toda história é história contemporânea disfarçada*”<sup>15</sup>.

Neste sentido, apontaremos, a seguir, algumas das possibilidades de fontes para estudo e pesquisa deste segmento religioso.

### **Jornal Folha Universal**

O jornal Folha Universal é um órgão oficial da IURD. Confeccionado em quatro cores, no mesmo formato dos jornais tradicionais do eixo Rio-São Paulo, chega a cada templo da respectiva igreja sempre aos sábados, para ser gratuitamente distribuído, com uma tiragem semanal aproximada de dois milhões de exemplares. Vários são os assuntos abordados: economia, política, saúde, cultura, esportes e, evidentemente, religião. Neste item, destaca-se a coluna inicial reservada à “palavra do bispo Macedo”, na qual o líder maior da IURD fala sobre o principal tema ou “campanha de fé” que a igreja desenvolverá na respectiva semana. Também se destaca a coluna dos “testemunhos de fé”, dedicada aos depoimentos dos fiéis em que se relatam os “milagres” recebidos nas diferentes programações da igreja.

Este jornal é bastante acessível ao pesquisador. Fica diariamente disponível ao público à entrada dos templos da IURD, como dito anteriormente. Também pode ser acessado pelo *site* da IURD<sup>16</sup>. Além do que, há um acervo atualizado do respectivo jornal no Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDPH, da Faculdade Teológica Sul Americana, em Londrina – Pr<sup>17</sup>.

Quem toma o referido jornal para uma primeira leitura terá sua atenção despertada para uma primeira imagem: em seu logotipo aparece a foto do bispo Edir Macedo em uma sela de presídio, fazendo leitura da Bíblia. Esta foto se refere a um episódio ocorrido no dia 24 de maio de 1992, quando Macedo foi preso na cidade de São Paulo, acusado de charlatanismo, curandeirismo e estelionato. Sua prisão teve origem num inquérito aberto, em 1989, por cinco ex-fielis que denunciaram na justiça terem doado dinheiro e bens à igreja em troca de milagres que não ocorreram. Doze dias depois, foi solto. Neste sentido, esta imagem no jornal mantém viva na memória dos fiéis o ato heróico do seu líder maior.

A utilização desta fonte para estudo da IURD colocará o pesquisador frente a aspectos que envolvem a história da leitura. Neste sentido, cabe observar, por exemplo, o papel que a leitura deste jornal exerce sobre as práticas e as representações dos fiéis da IURD, ou ainda, como os mesmos se apropriam e interagem com as mensagens nele contidas. Robert Darnton sublinha que as informações contidas numa página ganham sentido no momento em que ocorre a interpretação, sendo aí decisivas as configurações culturais a que pertence o leitor. Assim, “compreender a maneira como se tem lido, possibilita o entendimento de como se compreende a vida”, uma vez que “a leitura não é simplesmente uma habilidade, mas uma maneira de estabelecer significado<sup>18</sup>”. Como afirma Bourdieu,

A leitura não se realiza assim a partir de um vazio de saberes; a sua base de efetuação é um campo de significação reconhecível, em que o texto se introduz para significar (...) Esses saberes “anteriores” nem nascem nem habitam apenas no indivíduo isoladamente, mas remetem, também eles, à existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos que constituem o espaço de memória. É a partir de tal espaço discursivo de regularização dos sentidos, então, que os leitores procedem à leitura<sup>19</sup>.

A leitura, portanto, tem por condição “evidências anteriores”<sup>20</sup>, uma memória dos sentidos que a sustentam, que a estruturam, sentidos que se apreendem mediante um processo de desvelamento “circunscritos a determinadas condições sócio-históricas”. O significado do ato de ler, neste aspecto, emerge no instante em que o leitor absorve o sentido “em sua própria existência”<sup>21</sup>, pois a leitura – tecnicamente conceituada como a capacidade de reconhecer símbolos alfabéticos e também o hábito de fazê-lo regularmente – “tem a sua história intimamente relacionada com a história do mundo ‘como a conhecemos’”<sup>22</sup>. Daí ser possível entender a capacidade de ler como uma maneira culturalmente variável de estabelecer significado.

Caberá também ao pesquisador observar os suportes editoriais utilizados na confecção do jornal, pois um texto, aparentemente “estável”, sofre mutações de sentidos ao ser dado a ler em formas impressas que se alteram<sup>23</sup>. Todo texto é lido a partir de suportes ou veículos, ou

seja, o texto não existe em si mesmo, *fora das materialidades, quaisquer que sejam* - afirma Roger Chartier, que ainda acrescenta:

Contra essa “abstração”, é preciso lembrar que as formas que fazem com que os textos sejam lidos, ouvidos ou vistos participam também da construção de sua significação. O mesmo texto, fixado pela letra, não é o “mesmo”, se mudam os dispositivos de sua inscrição ou de sua comunicação<sup>24</sup>.

As análises feitas por Darnton também apontam para este aspecto:

Mas os textos moldam a recepção dos leitores por mais ativos que possam ser (...) criam um arcabouço e dão um papel ao leitor ao qual ele não pode se esquivar. (...) A história da leitura terá de levar em conta a coerção do texto sobre o leitor, bem como a liberdade do leitor com o texto. A tensão entre essas tendências existe sempre que as pessoas estão diante de livros (...)<sup>25</sup>.

Outro aspecto, também considerado por Chartier, refere-se ao *dinamismo rebelde* da leitura. “*Aparentemente passiva e submissa, a leitura é, em si, inventiva e criativa*” - afirma<sup>26</sup>. Toda vez que se lê um texto altera-se seu significado. Há uma irreduzível liberdade dos leitores frente aos suportes que pretendem dirigir o sentido de um texto. Chartier ressalta, portanto, a participação efetiva do leitor como sujeito da leitura: “*as representações do mundo social assim construídas (...) são sempre determinados pelos interesses do grupo que as forjam*”<sup>27</sup>. Este caráter faccioso se torna bastante característico no neopentecostalismo, em geral, não sendo diferente no caso da IURD, fato evidenciado pelos constantes cismas em tal segmento. Isto mostra que ainda que os editores do jornal da IURD, por exemplo, queiram direcionar a recepção de sentido pelos leitores acerca do que ali se publica, haverá sempre o risco de uma “subversão herética” na apropriação que se faz pela leitura, pois, como ainda observa Chartier:

A leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou fazedores de livros ... Abordar a leitura é, portanto, considerar conjuntamente a irreduzível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la<sup>28</sup>.

## **Entrevistas com líderes e fiéis**

A entrevista direta com Edir Macedo ou mesmo com pastores que estão sob o seu comando é algo bastante difícil, uma vez que os mesmos se negam a concedê-las. Tal desconfiança para com os pesquisadores se acirrou principalmente quando houve o episódio conhecido como “chute na santa”<sup>29</sup>. A partir dos desdobramentos deste fato, envolvendo uma

série de denúncias feitas pela TV Globo em relação às práticas da IURD, a igreja adotou uma postura de não permitir filmagens dos seus cultos, sendo os pastores também proibidos de conceder qualquer informação sobre a igreja. Entretanto, é possível driblar esta dificuldade colhendo, de maneira indireta, a opinião ou entrevistas que os mesmos concedem ao jornal e revistas da própria denominação, ou ainda, mesmo que esporadicamente, em revistas de circulação nacional. Vale lembrar que é possível ter acesso a várias entrevistas concedidas, principalmente por Macedo, antes do episódio acima referido, a revistas e jornais não pertencentes à igreja.

Outro aspecto a se considerar para o uso de História Oral no trabalho com a IURD se refere à necessidade de conquistar a confiança dos fiéis no sentido de concederem entrevistas. Ao discutir acerca do “lugar da entrevista”, o livro *Usos e Abusos da História Oral* sugere que a entrevista ocorra em casa do entrevistado ou no local de trabalho<sup>30</sup>. No caso da IURD, é inviável, por exemplo, fazer a entrevista com adeptos ou obreiros (auxiliares dos pastores) no espaço do templo, no intervalo dos cultos, etc. Eles não ficarão à vontade, pelos motivos já anteriormente apresentados. E, para que a entrevista ocorra em um outro local, “é indispensável criar uma relação de confiança entre informante e entrevistador”<sup>31</sup>. Isso será possível, no caso da IURD, através da observação participante, por exemplo, desenvolvida por um longo período de tempo, como o veremos no item seguinte deste trabalho.

A História Oral, vista como uma técnica de investigação ou um método de pesquisa social do tempo presente, tem sido alvo de recorrente críticas. Uma delas é a de que possui um grau elevado de subjetividade, ou seja, por ela o historiador faz ao seu interlocutor tão somente as perguntas que interessam ao seu objeto enquanto o interlocutor, por sua vez, também declara somente aquilo que interessa que fique registrado. Há um direcionamento para a pesquisa. Outra crítica é sobre as escolhas das pessoas a serem ouvidas, havendo mais uma vez um grande direcionamento ou participação de escolha pelo pesquisador.

Em relação a estas críticas é preciso ressaltar que o mesmo direcionamento e papel de escolha pelo historiador também ocorrem no uso que se faz de fontes escritas. Escolha e seleção de conteúdos que interessam à temática que se está investigando, por exemplo. E, de igual modo, também houve seleção de temas por parte daqueles que produziram os registros, depois transformados em “documentos escritos”. Além do que, geralmente o historiador utiliza a fonte oral como a única fonte para o seu trabalho. Ao contrário do trabalho jornalístico, que tem como maior preocupação colher depoimentos e transmiti-los, o historiador deve problematizar os depoimentos, fazendo o devido cruzamento com outros documentos.

Também, os que se dedicam ao estudo da História Oral costumam ressaltar que a elaboração de um roteiro de entrevistas prévio é parte importante do uso desse método:

Nenhuma entrevista deve ser realizada sem uma preparação minuciosa: consulta a arquivos, a livros sobre o assunto, à vida do depoente, leitura de suas obras, se houver alguma, bem como referência sobre as



principais etapas de sua biografia. Cada entrevista supõe a abertura de um dossiê de documentação. A partir dos elementos escolhidos, elabora-se um roteiro de perguntas do qual o informante deve estar ciente durante toda a entrevista<sup>32</sup>.

Nesta mesma obra, *Usos e Abusos da História Oral*, adverte-se ainda sobre os cuidados que se deve ter na elaboração de um questionário de entrevistas, para que o mesmo não dirija passo a passo a testemunha e assim, “a mesma fique presa a um roteiro que não lhe permite desenvolver seu próprio discurso”. Por outro lado, se a testemunha for deixada totalmente livre, há o risco de se afastar do tema tratado. Por isso, “a entrevista semidirigida é com freqüência um meio-termo entre um monólogo de uma testemunha e um interrogatório direto”. À medida que a entrevista prosseguir o roteiro terá às vezes que ser modificado. “O entrevistador deverá adaptar-se à testemunha e nunca dar por encerrada uma entrevista antes de acabar o questionário”<sup>33</sup>.

Em síntese, os recursos metodológicos da História Oral demonstram relevância para a investigação da IURD principalmente pelo fato de possibilitarem maior aproximação das práticas e vivências cotidianas de seus membros. Para tanto, há que se ter consciência também das limitações deste método de pesquisa. Por isso, as fontes produzidas por tal recurso devem ser cruzadas com outros documentos disponíveis<sup>34</sup>.

### **Observação participante**

Pode-se conceituar *observação participante* nos seguintes termos:

O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo<sup>35</sup>.

Como dito anteriormente, a IURD vê com bastante desconfiança a presença de pesquisadores em seus cultos e reuniões, fato que exige maior habilidade ainda do pesquisador que deseja fazer observação participante nesta igreja. Inevitavelmente, precisará manter discrição e anonimato.

Ainda assim, este método pode se constituir em importante recurso de pesquisa para estudo da IURD por permitir maior inserção no universo cultural vivenciado por tal segmento religioso. Segundo Clifford Geertz, a cultura consiste num “sistema entrelaçado de signos interpretáveis”, que podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade<sup>36</sup>. Geertz apresenta importantes procedimentos para a observação participante ou trabalho etnográfico. Menciona que, num primeiro momento, durante a coleta de dados, a multiplicidade

das estruturas de significação pode parecer muito complexa, estranha, irregular e implícita ao pesquisador. Mas, na medida em que ocorrem as entrevistas, observação de rituais, dedução de termos específicos e escrita do diário de campo, naturalmente tal universo se torna mais acessível à interpretação. Para isto, Geertz aponta alguns passos práticos. Primeiro, o pesquisador precisa se situar dentro do universo imaginativo em que os atos do grupo em pesquisa são marcos determinados. “Situá-los, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal” – ressalta este autor<sup>37</sup>. Segundo, não deve o pesquisador procurar “tornar-se um nativo” ou “copiá-lo”. O que devemos fazer é conversar com eles, “o que é algo muito mais difícil”. Visto desta maneira, a pesquisa etnográfica apresenta como um dos seus objetivos o alargamento do universo do discurso humano<sup>38</sup>. Terceiro, para compreender a cultura de um outro grupo o etnógrafo deve desenvolver formulações e interpretação dos sistemas simbólicos dos atos apresentados pelo respectivo grupo. Assim, quanto se segue o que fazem e como se comportam os membros de um determinado grupo, “mais lógicos e singulares eles se parecerão”<sup>39</sup>. Quarto, a coerência não pode ser o principal teste de validade de uma construção cultural. Os sistemas culturais têm de ter um mínimo de coerência, do contrário não os chamaríamos de sistemas, mas a força das interpretações não pode repousar na rigidez ou segurança com que são argumentadas, ressalta Geertz<sup>40</sup>. Outro aspecto importante é a compreensão de que a vida social não é fixa, mas dinâmica e mutável. Assim, tal método possibilitará meios para que o pesquisador se insira mais profundamente nas atividades do dia-a-dia das pessoas que busca entender, tornando-se parte do seu universo, registrando as experiências e seus efeitos sobre o comportamento do respectivo grupo social.

Diferentemente da entrevista, na observação participante o pesquisador vivencia pessoalmente o evento de sua pesquisa para melhor analisá-lo ou entendê-lo, percebendo e agindo diligentemente de acordo com as suas interpretações daquele mundo. Participa nas relações sociais e procura entender as ações no contexto de uma situação observada. As pessoas agem e dão sentido ao seu mundo se apropriando de significados a partir do seu ambiente. Assim, na observação participante o pesquisador deve tornar parte daquele ambiente, para melhor entender as ações daqueles que ocupam e produzem as culturas, definidos com aspectos simbólicos e apreendidos do comportamento humano, os quais incluem costumes e linguagem.

Evidentemente, tem havido críticas a este método de pesquisa. Afirma-se que quem o utiliza supõe já saber o que é importante a ser anotado ou observado. Como se o pesquisador buscasse tão somente a testagem ou comprovação de idéias ou aspectos teóricos previamente elaborados. Para não incorrer em tal erro metodológico, deve então o historiador construir o conhecimento de seu objeto a partir das experiências e da realização das investigações detalhadas e meticulosas do que a observação participante possibilita em termos de recursos. Assim, tomando como exemplo o caso da IURD, os pesquisadores devem o quanto possível se esquivar do que a priori se conhece sobre tal segmento religioso através de informações que

advém, por exemplo, pela imprensa, a qual costuma se referir a grupos com este perfil em tom de denúncia ou julgamento, como se “maquiavelicamente” só existissem ali pessoas de “boa fé” sendo financeiramente lesadas por charlatões.

Uma outra crítica suscitada em relação a esse método refere-se ao risco de envolvimento demasiado do pesquisador com o seu objeto, comprometendo assim um olhar mais crítico que a pesquisa requer, pois “o contato direto do pesquisador com o fenômeno observado” deve ocorrer sem que haja um demasiado envolvimento daquele<sup>41</sup>. Tendo tal consciência, o trabalho de campo deve ocorrer, pois, na tensão de que é preciso haver uma “descrição densa” do fenômeno e ao mesmo tempo se guardar o necessário distanciamento do objeto, de modo a garantir maior plausibilidade em termos de parâmetros epistemológicos que envolvem a investigação historiográfica.

Considerando mais especificamente o caso da IURD, a observação e a interpretação participantes podem possibilitar diferentes perspectivas de análise e composição de fontes. Primeiro, a observação das imagens e a estética dos rituais desenvolvidos nos cultos. Nestes denotam-se códigos emissores e receptores de comunicação. Há, nestes, um universo mítico que se dá representar. Na magia dos ritos e na riqueza simbólica ali adotados, se percebe a apropriação de um substrato cultural legado das crenças afro e da religiosidade popular católica, o qual é sincrética ou pluralmente re-significado a partir de elementos da tradição evangélica. Segundo, a riqueza simbólica da IURD está também presente na ornamentação dos templos. Tais espaços se tornam sagrados, o que se observa pelos arranjos, modos e disposição dos objetos, etc. Constata-se que na IURD atribui-se grande valor aos ícones e objetos simbólicos durante os rituais. No palco-altar, sobre o púlpito, fica permanentemente colocada uma Bíblia aberta. Quando se desenvolve o espetáculo cútico, os “obreiros” (auxiliares dos pastores), no momento oportuno, trazem os objetos que serão utilizados: o “óleo consagrado”, os “galhos de arruda”, as “rosas do amor”, a “água do rio Jordão”, o “sal grosso”, etc. Os imaginários sociais entram ali em cena quando a linguagem simbólica comunicável exprime representações. Nos templos também há exposição de fotos, quadros ou objetos que atestam os milagres alcançados pelos fiéis, tendo sempre ao lado versículos bíblicos que procuram fomentar a compreensão sobre o significado do que ali está exposto, tal como os “ex-votos” feitos nas igrejas católicas. Terceiro, o desempenho e a performance do carisma ostentado pelo líder perante o grupo:

Na dramaturgia, além do cenário e dos objetos, é fundamental a atuação do ator que com presença, voz, gestos e dramaticidade provoca atitudes, reações e mudanças no comportamento da platéia. (...) O pastor-ator, por meio de suas palavras e gestos, procura integrar todos os presentes no processo de exteriorização – interiorização coletiva da fé<sup>42</sup>.

É também marcante nos cultos da IURD a “guerra espiritual” contra o Demônio, tido como o grande responsável por todos os males, o que torna imprescindível a figura do líder taumaturgo, capaz de sobrepujar-lhe as ações, carisma este que é estrategicamente demonstrado, por exemplo, nos ritos de cura e de exorcismo. Assim, nos momentos de exorcismo, o templo se transforma em palco da luta do bem contra o mal e o líder pode, então, demonstrar ao público, extasiado, a sua autoridade e legitimidade como algo divinamente concedido. Quarto, o emprego da leitura da Bíblia com aspecto mágico. Tais atitudes se assemelham às que se adotavam para com os “almanaques”<sup>43</sup> no início do século XX, os quais, segundo Bourdieu<sup>44</sup>, eram vistos como “*depositários de segredos mágicos climáticos, de um saber para iniciados, com uma aura sacralizada*”<sup>45</sup> - aspectos estes que promovem intensa circulação cultural. Leonildo Campos, quando analisa o que ocorre na Igreja Universal do Reino de Deus, afirma que a Bíblia é “*um depósito de símbolos, alegorias e de cenas dramáticas, ou até um amuleto para exorcizar demônios e curar enfermos*”<sup>46</sup>. A leitura da Bíblia feita por este segmento religioso orienta o comportamento coletivo, retraduz um fertilíssimo passado cultural e promove um intenso processo de *circularidade* cultural. Em síntese, é possível constatar através da observação participante na IURD, que este segmento religioso rompe com o protestantismo histórico, o qual contribuiu diretamente para que o “pensamento iconoclasta imperasse entre nós”<sup>47</sup>, ao retirar dos seus templos as imagens que eram comuns nos espaços sagrados do catolicismo.

Em termos de procedimento prático, a observação participante pode envolver três principais aspectos: tempo, lugar e circunstâncias. Em relação ao primeiro item, quanto mais tempo o observador gastar com o grupo em análise, maior adequação e possibilidade de interpretação serão alcançadas. Quanto mais familiarizados os pesquisadores estiverem, por exemplo, com a linguagem em uma situação social, mais próxima da realidade do grupo poderão ser as suas interpretações daquela situação. Além do que, o tempo pode gerar uma relação de maior intimidade e confiabilidade por parte do grupo em relação ao pesquisador. Um maior envolvimento pessoal com o grupo e os seus membros, permitirá que o pesquisador não apenas seja capaz de entender melhor os significados e as ações que os mesmos realizam, como também pode prover acesso a um mundo mais privado ou “de bastidores”. Em relação ao lugar, o pesquisador deve considerar também que há influência das condições físicas sobre as ações. Por isso cabe registrar não apenas as interações observadas, mas também o ambiente físico no qual elas acontecem. Neste aspecto, tomando como referência a IURD, o “onde” deve ser bastante considerado no processo de crença e comportamento ali vivenciados. Robert Darnton<sup>48</sup>, quando analisa a história das práticas da leitura, afirma que o “onde” se lê pode exercer influência sobre o leitor por colocá-lo num ambiente que lhe propicia sugestões sobre a natureza da sua experiência. Nos templos, como foi observado anteriormente, também há exposição de fotos, quadros ou objetos que testificam os milagres alcançados pelos fiéis. Em uma das observações participantes que realizamos no templo da IURD, em Londrina<sup>49</sup>,

constatamos que, visivelmente exposto à entrada do templo, há um grande mural com fotos, atestados médicos comprovando a cura recebida; fotocópia da carteira de trabalho, provando o emprego conseguido, e também de escrituras de imóveis, atestando a aquisição de bens materiais obtidos a partir das campanhas ou “correntes de oração” feitas na Igreja. Em relação às circunstâncias sociais, quanto mais variadas as oportunidades do observador relacionar-se com o grupo, tanto em termos de *status*, de papel e de atividades, maior poderá ser o entendimento dele. Inserindo-se nas diferentes atividades vivenciadas pelo grupo em pesquisa, os pesquisadores terão maior domínio da linguagem no seu sentido mais amplo, incluindo não apenas as palavras e os significados que elas transmitem, mas também as comunicações não-verbais como as expressões faciais e corporais em geral. Conforme os pesquisadores familiarizam-se com esse aspecto do contexto social, aprendem a linguagem da cultura e registram as suas impressões e quaisquer mudanças no seu próprio comportamento. Nesse ponto, o observador deverá ser capaz de indicar como os significados são empregados na cultura e compartilhados entre as pessoas, ou seja, sob que condições e situações os mesmos são transmitidos.

### **Programas veiculados pelo rádio e TV**

O uso de recursos midiáticos, principalmente rádio e TV, têm sido um eficiente mecanismo de propagação da mensagem religiosa pela IURD. Reportagens do início da década de 1990 já constatavam o espaço ocupado de forma ascendente pelos pregadores neopentecostais nas emissoras de rádio e TV<sup>50</sup>, os quais também vinham adquirindo concessões de dezenas de canais destes veículos. A expansão da IURD exemplifica bem este aspecto<sup>51</sup>. Em 1984 ocorreu a compra da 1<sup>a</sup> emissora de rádio, pela IURD, a *Copacabana Rio*. Um avanço maior se deu em 1988, quando houve a aquisição de várias emissoras de rádio e TV. A partir daí, não faltaram empreendimentos milionários, como por exemplo, a compra do jornal diário *Hoje em Dia* e a rádio *Cidade de BH*, por 20 milhões de dólares. Ao final da década de 90, esta igreja já possuía um verdadeiro império comunicacional formado por 22 emissoras de rádio e 16 emissoras de televisão, além da TV *Record*, adquirida pela igreja ao preço de 45 milhões de dólares, em 1989. A entrada da IURD na política partidária, a partir de 1986, se deu também como estratégia para se obter concessão de canais de rádio e TV<sup>52</sup>. A agressividade da IURD neste setor tem, certamente, sido um dos elementos responsáveis pelos números expressivos do uso da mídia por igrejas evangélicas brasileiras: "*atualmente, os evangélicos controlam mais de 300 emissoras de rádio e canais de TV no país, com faturamento global acima de meio bilhão de reais por ano. Mais de 80% da programação religiosa na TV brasileira é evangélica*"<sup>53</sup>.

Ao utilizarem estes veículos, os líderes neopentecostais estrategicamente criam mecanismos de aproximação da grande parcela da população:

A maioria da população brasileira ouve rádio e vê televisão, sendo minoritária a parcela que lê revistas, livros ou jornais (...) o que se observa é a maior audiência conquistada pelo rádio e pela televisão, permanecendo a leitura circunscrita àqueles segmentos da população que freqüentam a obrigação de ler<sup>54</sup>.

Em Londrina – PR, por exemplo – como também ocorre em muitas outras cidades do país - a IURD mantém programação religiosa diária transmitida de forma ininterrupta nas duas emissoras de sua propriedade, a Rádio Atalaia AM e a Rádio Gospel FM. Destacam-se também, nestes programas, várias inserções de mensagens feitas por Edir Macedo. Desta forma, sendo disponibilizados diariamente tais programas pelo rádio e TV, podem ser feitas gravações dos mesmos, as quais, depois de transcritas, datadas e arquivadas, passam a ser usadas como fontes.

Vale dizer que o uso de programas de TV como fontes de pesquisa deve considerar que “a TV não é igual a um rádio com figuras”, pois se o próprio rádio não é simples, “os meios audiovisuais são um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição e seqüência de cenas, etc.”.<sup>55</sup> Na estrutura e conteúdos destes mecanismos há intencionais e sofisticados usos de técnicas visando modulações de fala, imagens, etc., trabalho de especialistas podem instigar o afloramento de sentidos de que compõe o imaginário coletivo. Assim, o produto final transcrito a ser usado pelo pesquisador será normalmente uma condensação de toda essa complexidade.

A pesquisa com imagem e/ou som envolve alguns dos procedimentos que também ocorrem em relação às fontes escritas: escolha ou seleção, anotações ou transcrição e análise. Primeiramente, há uma seleção de programas a serem observados. Neste sentido, no caso da IURD, é preciso considerar a diversidade de programas apresentados. Há programas diferentes em horários também diferentes: entrevistas, em que os fiéis dão testemunho de milagres alcançados ou sucesso financeiro obtido através da ajuda da igreja; mensagens dos pastores, em especial do bispo Macedo; musicais; transmissão ao vivo de cultos realizados nos templos; etc. Desta forma, é plausível escolher para observação e análise programas em diferente horários para que se tenha uma amostragem mais ampla do que a IURD propaga e realiza. Uma vez feita a gravação dos programas, passa-se à transcrição dos mesmos. Obviamente, a finalidade da transcrição é gerar um conjunto de dados que possibilite uma análise mais cuidadosa do objeto em questão. É preciso estar ciente de a transcrição inevitavelmente simplifica a imagem complexa da tela, com tendência a se evidenciar mais o verbal do que o visual. Isso também envolve escolha: o que transcrever? No caso da IURD, é importante que a transcrição também leve em conta a riqueza simbólica disponibilizada na tela

durante os programas, na qual costumam aparecer elementos como: a Bíblia, lida repetidamente pelos pastores para reforçar ou fundamentar os seus argumentos e apelos, havendo muitas vezes, inclusive, projeção de textos bíblicos na tela, tendo ao fundo imagens que ilustram o que se está lendo, como por exemplo, as do Monte Sinai, da Terra Santa, lugar para onde os bispos costumam viajar com o propósito de levar pedidos e súplicas dos fiéis; carros, casas e empresas, quando se quer falar de prosperidade; cenas de rituais afro e de sessões de exorcismo, quando se quer falar sobre a maneira como o demônio age na vida das pessoas etc; grandes aglomerações de fiéis nos templos ou espaços mais amplos, para se ressaltar como milhares de pessoas estão recorrendo à IURD. De igual modo, cabe também observar que a IURD adota uma padronização dos seus pastores e bispos que apresentam os programas na mídia, tais como: mesmo timbre de voz, sotaque, gestos, vestimentas, etc., modelo este que segue o perfil do líder maior, o bispo Macedo. Tal procedimento acaba por transmitir aos fiéis a sensação de que em qualquer templo em que freqüentarem, em qualquer cidade do país, encontrarão sempre a “figura” de Macedo através dos milhares de pastores que “multiplicam” a sua presença em todos os lugares ao mesmo tempo. Em outras palavras, não só nos programas de rádio e TV, mas em qualquer templo da IURD há a sensação de se estar ouvindo e vendo o bispo Macedo.

Evidentemente, feita a gravação e transcrição dos programas, os mesmos passarão a estar disponíveis em forma de textos, sendo catalogados e arquivados para pesquisa e investigação historiográficas.

Enfim, essas são algumas das possibilidades para a reflexão com as fontes assinaladas.

## Notas

---

<sup>1</sup> SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. **O Sagrado num mundo em Transformação**. São Paulo: Edições ABHR, 2003, p.26,27.

<sup>2</sup> **Revista Eclésia**. Rio de Janeiro: Editora Eclésia, abril, p.46, 2000.

<sup>3</sup> Peter Burke afirma que, na verdade, já “no final do século XIX, alguns historiadores profissionais estavam descontentes com o domínio do político”. Cf. BURKE, Peter. **Sociologia e História**. Porto: Edições Afrontamento, 1980, p. 19.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 23-25.

<sup>5</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Difel: Lisboa, 1990, p. 14.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p.16,17.

<sup>7</sup> FERNANDES, R.C. Religiões populares: uma visão parcial da literatura recente. In: **Boletim Informativo de Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, p.84, 1984.

- <sup>8</sup> SHAULL, Richard; CESAR, Waldo. **O Pentecostalismo e o Futuro das Igrejas Cristãs**. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1999, p.45.
- <sup>9</sup> Algumas abordagens que têm acenado, neste sentido, por um viés mais antropológico, em que se pode perceber uma “pentecostalização” do campo religioso brasileiro, podem ser observadas nos seguintes trabalhos: SOARES, Luiz Eduardo. A guerra dos pentecostais conta o afro-brasileiro; dimensões democráticas do conflitos religioso no Brasil. In: *Cadernos do ISER*. Rio de Janeiro, n. 44, ano 12, 1992; SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal á cultura católico-brasileira. In: Antoniazzi et al. *Nem anjos nem demônios; interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis; vozes, 1994; VELHO, Otávio. **Globalização: antropologia e religião**. *Mana*. Rio de Janeiro, vol. 3, n.1, 1997.
- <sup>10</sup> GEERTEZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: **A interpretação das Culturas**. Trad. de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978, p.22.
- <sup>11</sup> Ibid. p.104.
- <sup>12</sup> MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A. (org.) **História da Vida Privada no Brasil. Contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 92.
- <sup>13</sup> LE GOFF, Jacques. In: “*Conversando com Jacques Le Goff*”. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.115.
- <sup>14</sup> Ibid.
- <sup>15</sup> Ibid., p.243.
- <sup>16</sup> [www.arcauniversal.com.br](http://www.arcauniversal.com.br)
- <sup>17</sup> Rua Martinho Lutero, 277 – Londrina – PR.
- <sup>18</sup> DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história, Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1992, p.218.
- <sup>19</sup> PAYER, Maria Onice. “*Memória de leitura e meio rural*”. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os Leitores**. Campinas: Pontes, 1998, p.144
- <sup>20</sup> Ibid, p.25.
- <sup>21</sup> WOLFGANG, Iser. **O Ato da Leitura: Uma Teoria do Efeito Estético**. Vol. II. São Paulo: Editora 34, 1999, p.82.
- <sup>22</sup> DENIPOTI, Cláudio. **A Sedução da Leitura: livros, leitores e história cultural – Paraná (1880 – 1930)**. Curitiba: UFPR, (Tese de Doutorado), 1998, p.14.
- <sup>23</sup> Ibid, p.20.
- <sup>24</sup> CHARTIER, Roger. Crítica Textual e História Cultural: o Texto e a Voz – Século XVI e XVII. In: *Leitura: Teoria e Prática - Associação de Leitura no Brasil*. Campinas/Porto Alegre: ALB/Mercado Aberto, nº30, p.67-75, 1997.
- <sup>25</sup> DARNTON, Robert. op. cit., p. 128.
- <sup>26</sup> *Apud* DENIPOTI, op.cit, p.31.
- <sup>27</sup> Ibid, p.17.
- <sup>28</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**, op. cit, p.123.
- <sup>29</sup> O bispo Sérgio Von Helde, em 12 de outubro de 1995, chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida, em um programa levado ao ar pela TV Record, alegando que a veneração de tal imagem representa “prática de idolatria”.



- <sup>30</sup> AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de M. (orgs). **Usos e abusos da História Oral**. 5 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.236.
- <sup>31</sup> Ibid, p.234.
- <sup>32</sup> AMADO & FERREIRA, op.cit, p.236.
- <sup>33</sup> Ibid, p.237.
- <sup>34</sup> Para a proposta metodológica de história oral, neste item, serão adotados alguns parâmetros propostos, por exemplo, pelas obras: PORTELLI, A. **Memória e Diálogo: Desafios da História Oral para a ideologia do século XXI**. Rio de Janeiro: Fio Cruz - Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 67-71; PORTELLI, A. O que faz a História Oral Diferente. *Projeto História*. São Paulo, n. 14, fev., pp. 25-39, 1997
- <sup>35</sup> MAY, Tim. **Pesquisa Social. Questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artemed, 2001, p.17
- <sup>36</sup> GEERTEZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura, op.cit., p.24.
- <sup>37</sup> Ibid, p.23.
- <sup>38</sup> Ibid, p.24.
- <sup>39</sup> Ibid, p.27.
- <sup>40</sup> Ibid, p.28.
- <sup>41</sup> Cf. MINAYO, Maria C.S. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- <sup>42</sup> CAMPOS, Leonildo S. **Teatro, templo e mercado. Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis: Vozes, 1997, p.94.
- <sup>43</sup> Ver DUTRA, Eliana R. Freitas. O Almanaque Garnier, 1903 – 1914: Ensinando a Ler o Brasil, Ensinando o Brasil a Ler. In: *Leitura, História e História da Leitura*. p.477–504. O Almanaque Garnier, lançado no Brasil em 1903, através da publicação de especialistas nas ciências ocultas, como astrologia por exemplo – vista como uma “ciência de desvendar o porvir” – tinha como proposta oferecer aos leitores a garantia da “exatidão incontestável das suas revelações e predições”.
- <sup>44</sup> BOURDIEU, Pierre. A Leitura: Uma Prática Cultural. Debate com Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- <sup>45</sup> DENIPOTI, op. cit., p.12.
- <sup>46</sup> CAMPOS, op. cit., p.82.
- <sup>47</sup> BERNARDO, Teresinha. Técnicas qualitativas na pesquisa da religião. In: **Sociologia da Religião no Brasil**. São Paulo: PUC/ UMESP/ Edições Simpósio, 1998, p.14.
- <sup>48</sup> DARNTON, Robert. **História da leitura**. In: BURKE, op. cit., p.203.
- <sup>49</sup> Templo situado à rua Maranhão, 449 – centro, Londrina - PR. Visita realizada no dia 16 de maio de 2002, no culto das 15 horas.
- <sup>50</sup> Revista *Veja*, São Paulo, 16/05/1990, p. 40
- <sup>51</sup> Ver análise sobre os dados estatísticos de projeção midiática da IURD, em ALMEIDA, Ronaldo R.M. de. A Universalização do Reino de Deus. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, nº 44, pp.12-13.
- <sup>52</sup> Ver MARIANO, Ricardo e PIERUCCI, Antônio Flávio. O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, nº 34, nov., pp. 92-106, 1991.

- 
- <sup>53</sup> Revista **Veja**, São Paulo, 03/07/2002, p. 91.
- <sup>54</sup> CÂNDIDO, Antonio. In: BARZOTO, Valdir H. (org.) **Estudo da Leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 1999, p.65.
- <sup>55</sup> BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002, p.343. <sup>55</sup> SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. **O Sagrado num mundo em Transformação**. São Paulo: Edições ABHR, 2003, p.26,27.
- <sup>55</sup> **Revista Eclésia**. Rio de Janeiro: Editora Eclésia, abril, p.46, 2000.
- <sup>55</sup> Peter Burke afirma que, na verdade, já “no final do século XIX, alguns historiadores profissionais estavam descontentes com o domínio do político”. Cf. BURKE, Peter. **Sociologia e História**. Porto: Edições Afrontamento, 1980, p. 19.
- <sup>55</sup> *Ibid.*, p. 23-25.
- <sup>55</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Difel: Lisboa, 1990, p. 14.
- <sup>55</sup> *Ibid.*, p.16,17.
- <sup>55</sup> FERNANDES, R.C. Religiões populares: uma visão parcial da literatura recente. In: **Boletim Informativo de Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, p.84, 1984.
- <sup>55</sup> SHAULL, Richard; CESAR, Waldo. **O Pentecostalismo e o Futuro das Igrejas Cristãs**. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1999, p.45.
- <sup>55</sup> Algumas abordagens que têm acenado, neste sentido, por um viés mais antropológico, em que se pode perceber uma “pentecostalização” do campo religioso brasileiro, podem ser observadas nos seguintes trabalhos: SOARES, Luiz Eduardo. A guerra dos pentecostais contra o afro-brasileiro; dimensões democráticas do conflitos religioso no Brasil. In: **Cadernos do ISER**. Rio de Janeiro, n. 44, ano 12, 1992; SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal á cultura católico-brasileira. In: Antoniazzi et al. **Nem anjos nem demônios**; interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis; vozes, 1994; VELHO, Otávio. **Globalização: antropologia e religião**. *Mana*. Rio de Janeiro, vol. 3, n.1, 1997.
- <sup>55</sup> GEERTEZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: **A interpretação das Culturas**. Trad. de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978, p.22.
- <sup>55</sup> *Ibid.* p.104.
- <sup>55</sup> MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A. (org.) **História da Vida Privada no Brasil**. Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 92.
- <sup>55</sup> LE GOFF, Jacques. In: “Conversando com Jacques Le Goff”. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.115.
- <sup>55</sup> *Ibid.*
- <sup>55</sup> *Ibid.*, p.243.
- <sup>55</sup> [www.arcauniversal.com.br](http://www.arcauniversal.com.br)
- <sup>55</sup> Rua Martinho Lutero, 277 – Londrina – PR.
- <sup>55</sup> DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história**, Novas Perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1992, p.218.
- <sup>55</sup> PAYER, Maria Onice. “*Memória de leitura e meio rural*”. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A leitura e os Leitores**. Campinas: Pontes, 1998, p.144
- <sup>55</sup> *Ibid.*, p.25.

- 
- <sup>55</sup> WOLFGANG, Iser. **O Ato da Leitura**: Uma Teoria do Efeito Estético. Vol. II. São Paulo: Editora 34, 1999, p.82.
- <sup>55</sup> DENIPOTI, Cláudio. **A Sedução da Leitura**: livros, leitores e história cultural – Paraná (1880 – 1930). Curitiba: UFPR, (Tese de Doutorado), 1998, p.14.
- <sup>55</sup> *Ibid*, p.20.
- <sup>55</sup> CHARTIER, Roger. Crítica Textual e História Cultural: o Texto e a Voz – Século XVI e XVII. In: **Leitura**: Teoria e Prática - Associação de Leitura no Brasil. Campinas/Porto Alegre: ALB/Mercado Aberto, nº30, p.67-75, 1997.
- <sup>55</sup> DARNTON, Robert. *op. cit.*, p. 128.
- <sup>55</sup> *Apud* DENIPOTI, *op.cit*, p.31.
- <sup>55</sup> *Ibid*, p.17.
- <sup>55</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre Práticas e Representações, *op. cit*, p.123.
- <sup>55</sup> O bispo Sérgio Von Helde, em 12 de outubro de 1995, chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida, em um programa levado ao ar pela TV Record, alegando que a veneração de tal imagem representa “prática de idolatria”.
- <sup>55</sup> AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de M. (orgs). **Usos e abusos da História Oral**. 5 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.236.
- <sup>55</sup> *Ibid*, p.234.
- <sup>55</sup> AMADO & FERREIRA, *op.cit*, p.236.
- <sup>55</sup> *Ibid*, p.237.
- <sup>55</sup> Para a proposta metodológica de história oral, neste item, serão adotados alguns parâmetros propostos, por exemplo, pelas obras: PORTELLI, A. **Memória e Diálogo**: Desafios da História Oral para a ideologia do século XXI. Rio de Janeiro: Fio Cruz - Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 67-71; PORTELLI, A. O que faz a História Oral Diferente. **Projeto História**. São Paulo, n. 14, fev., pp. 25-39, 1997
- <sup>55</sup> MAY, Tim. **Pesquisa Social**. Questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artemed, 2001, p.17
- <sup>55</sup> GEERTEZ, Clifford. **Uma Descrição Densa**: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura, *op.cit.*, p.24.
- <sup>55</sup> *Ibid*, p.23.
- <sup>55</sup> *Ibid*, p.24.
- <sup>55</sup> *Ibid*, p.27.
- <sup>55</sup> *Ibid*, p.28.
- <sup>55</sup> Cf. MINAYO, Maria C.S. (org.) **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1999.
- <sup>55</sup> CAMPOS, Leonildo S. **Teatro, templo e mercado**. Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 1997, p.94.
- <sup>55</sup> Ver DUTRA, Eliana R. Freitas. O Almanaque Garnier, 1903 – 1914: Ensinando a Ler o Brasil, Ensinando o Brasil a Ler. In: **Leitura, História e História da Leitura**. p.477–504. O Almanaque Garnier, lançado no Brasil em 1903, através da publicação de especialistas nas ciências ocultas, como astrologia por exemplo – vista como uma “ciência de desvendar o porvir” – tinha como proposta oferecer aos leitores a garantia da “exatidão incontestável das suas revelações e predições”.

- <sup>55</sup> BOURDIEU, Pierre. A Leitura: Uma Prática Cultural. Debate com Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- <sup>55</sup> DENIPOTI, op. cit., p.12.
- <sup>55</sup> CAMPOS, op. cit., p.82.
- <sup>55</sup> BERNARDO, Teresinha. Técnicas qualitativas na pesquisa da religião. In: **Sociologia da Religião no Brasil**. São Paulo: PUC/ UESP/ Edições Simpósio, 1998, p.14.
- <sup>55</sup> DARNTON, Robert. **História da leitura**. In: BURKE, op. cit., p.203.
- <sup>55</sup> Templo situado à rua Maranhão, 449 – centro, Londrina - PR. Visita realizada no dia 16 de maio de 2002, no culto das 15 horas.
- <sup>55</sup> Revista **Veja**, São Paulo, 16/05/1990, p. 40
- <sup>55</sup> Ver análise sobre os dados estatísticos de projeção midiática da IURD, em ALMEIDA, Ronaldo R.M. de. A Universalização do Reino de Deus. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, nº 44, pp.12-13.
- <sup>55</sup> Ver MARIANO, Ricardo e PIERUCCI, Antônio Flávio. O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, nº 34, nov., pp. 92-106, 1991.
- <sup>55</sup> Revista **Veja**, São Paulo, 03/07/2002, p. 91.
- <sup>55</sup> CÂNDIDO, Antonio. In: BARZOTO, Valdir H. (org.) **Estudo da Leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 1999, p.65.
- <sup>55</sup> BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002, p.343.